

“Ninguém tem o direito de interromper os meus sonhos”¹

Isalice da Páscoa Dias Gomes Borges

Licenciada - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Isaliceborges@hotmail.com

Luana Antunes Costa

Doutora - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
luanaantunes@unilab.edu.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o ensaio da escritora Paulina Chiziane, “Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo” (2013), com o intuito de destacar a sua trajetória a partir de seu discurso literário, e sua representação como sujeito intelectual. Para tanto, buscamos compreender o seu percurso autobiográfico, situando-a no contexto sócio-histórico e político de seu país (Moçambique). Deste modo, a nossa intenção foi dialogar com os ensaios de bellhooks (1995), Conceição Evaristo (2013) e com o pensamento de Edward Said (1993), entre outros, ressaltando o posicionamento da intelectual moçambicana perante a luta pela liberdade e a sua inquietação pela escrita. Em suma, entendemos que a voz e a escrita de Paulina Chiziane são referências para muitas mulheres moçambicanas e de outros países, por ser conhecida como uma escritora intelectual que rompeu as fronteiras nacionais, percorrendo os horizontes em busca de seus sonhos, tanto individuais, quanto coletivos.

Palavras-chave: literatura moçambicana; Paulina Chiziane; mulher.

¹O presente artigo é o resumo d Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Trata-se de uma leitura do ensaio “eu, mulher... Por uma nova visão do mundo”, de paulina chiziane

1. **Introdução: Um encontro com Paulina Chiziane**

Iniciamos este artigo relatando a vinda da Paulina Chiziane à Redenção (CE) para participar da II Semana Internacional de Letras (18 a 20 de Abril de 2017, Redenção/Ceará/Brasil)², promovida pelo curso de Letras do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), onde estivemos presentes. Chiziane iniciou sua fala afirmando que é contadora de histórias, o que lhe rendeu muitos aplausos. Em seguida, a autora contou a história da Águia, um dos contos que aparece em sua obra “As Andorinhas” (2013), um de seus livros publicados no Brasil.

Este trabalho é constituído por três contos, sendo o primeiro “Quem manda aqui?”, o segundo “Maundlane, o Criador” e o terceiro conto, denominado “Mutola”. Nessa obra Paulina Chiziane discorre sobre a águia e a galinha, como metáforas, para nos contar a história da atleta moçambicana Maria de Lurdes Mutola. A águia simboliza essa atleta, que se tornou campeã de atletismo mundial, tendo sido a primeira moçambicana a conquistar uma medalha de ouro para Moçambique.

A história da águia e da galinha que ela nos contou na UNILAB tem como personagens um agricultor, um veterinário, uma galinha e uma águia domesticada, ou seja, uma águia que foi criada como se fosse uma galinha. Nesse diálogo, o agricultor insistia que a águia tinha deixado de ser águia, pois foi criada com as galinhas. O veterinário, por sua vez, afirmava que a galinha e a águia são aves diferentes, pois, a águia nasceu para voar e nunca deixará de fazê-lo. Paulina Chiziane, enfatizou em sua contação que toda história deve ter uma moral, um ensinamento ao/à ouvinte/leitor/a, assim, a moral dessa narrativa é, segundo Paulina Chiziane: “As mulheres são como as águias, não são galinhas. Elas não nasceram para viver em gaiolas, foram feitas para voar, em busca da conquista da cidadania, dignidade e liberdade”. Chiziane aconselha às mulheres a olharem para o sol e voar, como a águia, o que fará com que as mesmas se livrem da submissão, num mundo dominado pelo patriarcado.

Chiziane: “As mulheres são como as águias, não são galinhas. Elas não nasceram para viver em gaiolas, foram feitas para voar, em busca da conquista da cidadania, dignidade e liberdade”. Chiziane aconselha às mulheres a olharem para o sol e voar, como a águia, o que fará com que as mesmas se livrem da submissão, num mundo dominado pelo patriarcado.

Vejamos o seguinte trecho do conto Mutola:

A ave olhou para todos os lados. Viu o farelo e as galinhas a debicar. Voltou para o chão e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou contente:

- Viu? O biólogo teimou.

- Fizeram a experiência mais três vezes e nada! A águia era mesmo a galinha. Na quinta tentativa o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava:

- Águia, águia, abre as tuas asas e voa!

A ave real abriu as asas e lançou-se no voo, subiu, subiu até desaparecer no horizonte.

As águias como as andorinhas são filhas da liberdade. [...]

As andorinhas, correndo às voltas no céu me inspiram. Atrás de uma bola no relvado, sinto-me a voar na conquista do mundo. (CHIZIANE, 2013, p, 90- 91).

²Encontro Oralidades & Escritas em Língua Portuguesa. Mesa Redonda: Mulheres, Literatura e Resistência - Paulina Chiziane (Moçambique). Mediação: Luana Antunes (Brasil), 19/04/2017.

Nesta perspectiva, apresentaremos Paulina Chiziane como uma escritora intelectual pela sua forma de pensar, pela sua trajetória literária e social, pela sua “performance”³ como uma mulher que luta pelos seus objetivos, que não deixou os seus sonhos serem interrompidos. Em seus trabalhos, Chiziane aborda e reflete sobre diversos temas presentes nas nossas sociedades, tais como a mulher, a política, a guerra, os conflitos entre gêneros e o amor.

Os meus livros todos [...] têm um denominador comum: a liberdade, da mulher, dos grupos socialmente silenciados, do pobre e de todas as coisas, embora os temas sejam diferentes. Eu canto a liberdade que quero para mim e para os que me rodeiam. (CHIZIANE, 2017)

Acreditamos ser pertinente relacionar o presente ensaio com a obra de Edward Said, “Representações do intelectual” (1993). O crítico palestino vê o intelectual do século XX como alguém que representa um público e, principalmente, incorpora as vozes das minorias silenciadas, com a finalidade de alcançar a liberdade, a justiça e o respeito para todos, na forma de pensar e agir. Segundo ele,

A questão central para mim, penso, e o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. (SAID, 1993, p.26).

Como uma escritora intelectual, Paulina Chiziane é conhecida como uma grande mulher que rompeu as barreiras nacionais, percorrendo os horizontes em busca de suas realizações, individuais e coletivas, como escritora e cidadã moçambicana. Sua voz hoje serve de referência nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), além de ter alcançado outras geografias, nos representando como mulheres. O ensaio de Paulina Chiziane, “Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo” (2013) é um testemunho escrito em 1992 e publicado em meados de 1994, por iniciativa da UNESCO na fase dos preparativos da Conferência Internacional sobre a Mulher, Paz e Desenvolvimento, realizada em Pequim em 1995. (Cf. CHIZIANE, 2013, p. 205)

Paulina Chiziane nasceu no dia 04 de junho de 1955 em Manjacaze, na província de Gaza, ao sul de Moçambique. Ela nasceu numa família protestante, filha de pai alfaiate e mãe camponesa, ela viveu no campo até os sete anos, quando se mudou para os subúrbios da cidade de Maputo, onde frequentou estudos superiores de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, sem concluí-los. No campo falava as línguas maternas chope e ronga, línguas nativas de Maputo e quando se mudou para a cidade, teve de aprender o português na escola. Ressaltamos ainda que ela é uma mulher pertencente à etnia tsonga (Cf. JUNOD, 1964), de Moçambique.

Chiziane foi a primeira mulher a publicar o gênero romance no seu país, *Balada de amor ao vento* (1990). Nessa obra, ela aborda temas como os costumes e a tradição do povo

³“As genealogias de performance apoiam na concepção dos movimentos expressivos como reservas mnemônicas, incluindo movimentos padronizados rememorados pelo corpo, movimentos residuais retidos implicitamente em imagens ou palavras(ou no silêncio entre elas) movimentos imaginários fabulados pela mente, não anteriores à linguagem, mas constitutivo da linguagem, um ensaio psíquico para ações físicas retidas do repertório e a cultura provê.”(ROACH, *apud* MARTINS, 2003)

moçambicano. A autora foi premiada pela publicação de seus trabalhos, que são conhecidos na África, Europa e nas Américas. Por exemplo, em relação às temáticas exploradas por ela nas suas obras, destaca-se a situação da mulher na luta pela emancipação. Chiziane também aborda histórias que falam da vida em tempos de guerra civil, da opressão da mulher numa sociedade machista, da esperança, do amor, da África, destaca a história da política militante em Moçambique e a condição do ser humano no meio social. Vale ressaltar que ela é uma contadora de estórias.

Deste modo, podemos observar que Paulina Chiziane é escritora intelectual que transita entre seu país e outras geografias internacionais. nacional, que já tendo sofrido pelo racismo na Europa, segundo suas próprias palavras, durante a conferência na UNILAB (20 de abril de 2017). A sua escrita nos convida a viajar em um mundo diferente da escrita dos homens, num país onde os costumes e as tradições culturais que privilegiam o patriarcado são muito fortes.

Apesar das adversidades, Chiziane percorreu um caminho diferente de tantas mulheres de seu país, mesmo quando a caminhada rumo ao ofício de escritora parecia ser impossível e ilusória para muitas. A condição da mulher nesse mundo é bastante precária, mas quando se trata das mulheres de sociedades patriarcais (como no sul de Moçambique), da periferia, negras ou africanas, as dificuldades enfrentadas são maiores ainda, pois tais sujeitos sofrem pelo racismo e pelo sexismo.

O texto de Chiziane nos leva a dialogar com o pensamento da escritora ativista e feminista norte-americana bell hooks⁴, que nos ensina sobre gênero e sistemas de opressão e dominação de classe, no contexto social dos Estados Unidos da América. Compreendemos que no ensaio “Intelectuais negras” (1995), bell hooks discute aspectos sobre a presença da mulher negra nos espaços de poder, como a academia, o que nos remete à trajetória de vida de Paulina Chiziane em sua construção como sujeito-intelectual, por percebermos que em outros territórios, além do continente africano, Chiziane é percebida como uma escritora negra. Embora essas escritoras estejam em universos diferentes, seus ensaios tratam da questão da mulher e, principalmente, como as mulheres negras e suas ideias são vistas na academia.

Deste modo, bell hooks relata que o trabalho intelectual é uma parte necessária para afirmação da sua identidade e libertação. Assim, o intelectual é o indivíduo que transgredir a fronteira discursiva, nacional, pois o seu pressuposto é sentir a necessidade de fazê-lo, com objetivo de estabelecer igualdade de direitos, a quebra das hierarquias impostas sobre as categorias de raça, cor, gênero, etc. Segundo a autora, na maioria das vezes a escrita e/ou intelectualidade das mulheres negras é encarada como suspeita, como podemos perceber no fragmento abaixo:

As intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita. O pessoal pode se sentir à vontade com a presença de acadêmicas negras e talvez até as deseje, mas é menos receptivo a negras que se apresentam como intelectuais engajadas, que

⁴ Por opção, a autora citada prefere que o nome dela seja escrito em minúsculo, pois ela entende que o seu nome não pode ser mais importante que a sua luta.

precisam de apoio, tempo e espaço institucionais para buscar essa dimensão de sua realidade. (hooks, 1995, p.468).

Trazendo essa reflexão e estabelecendo essa relação, hooks (1995, p.468) destaca que as mulheres negras são vistas com desconfiança na academia, sendo relegadas ao universo envolvendo sexualidade ou trabalho doméstico, como o cuidar da casa, das crianças, o que também é abordado por Chiziane no presente ensaio:

Acompanhava todos os passos da minha mãe. No rio, enquanto me banhava, a minha mãe cantava e lavava roupas e mágoas. As outras mulheres faziam o coro. Estas cantigas umas vezes eram suspiros e outras murmúrios de angústia. Já em casa ouvia as cantigas de pilar milho e as de pilar amendoim. Eram todas tristes. O que consegui observar é que os homens ouviam-nas com total indiferença. Em momento nenhum da minha vida me recordo de ter ouvido, da boca de um rapaz ou de um homem, estas cantigas de mulher. (CHIZIANE, 2013, p. 201).

Nesse parágrafo Chiziane traz aos seus leitores as formas que essas mulheres encontram para obterem a liberdade de expressão. Sempre que estivessem sozinhas no rio, enquanto faziam trabalhos domésticos, e cuidavam das crianças essas mulheres cantavam pelos mesmos motivos. Essas cantigas cantadas e recitadas por ela sem forma de grito de liberdade, angústia, solidão e submissão, cantavam no rio porque o rio trazia paz a elas, era uma forma de demonstrarem suas autenticidades e, um jeito de se sentirem livres.

2. Algumas considerações sobre o ensaio

O ensaio é um gênero textual, que expõe uma reflexão construtiva acerca de um determinado acontecimento ou aprendizado, defendendo um ponto de vista pessoal. No ensaio, o(a) escritor(a) dá opiniões e expõe idéias ou críticas, com o objetivo de partilhar o conhecimento e pensamentos sobre um tema pessoal, religioso, cultural, tradicional, moral, literário, político ou sobre alguma situação presenciada individualmente. Cada ensaio assume um estilo peculiar, dependendo de quem o escreve.

Para termos uma compreensão acerca dos estudos críticos sobre o ensaio, passaremos a seguir as considerações de alguns autores que nos chamaram a atenção. Segundo o Prof. Dr. Jayme Paviani (2009, p.2), o ensaio como gênero textual literário aparece aproximadamente no século XVI, com Michel de Montaigne e Francis Bacon.

Luana Costa (2014, p. 78) traz à tona reflexões sobre os estilos do ensaio africano (sobretudo moçambicano), do francês e do ensaio caribenho. Ela comenta sobre uma época em que a produção ensaística era produzida a partir das experiências coloniais. O objetivo desses ensaios africanos é justamente o de não silenciar a subalternização, assim, especificamente nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), o ensaio ganha mais voz quando interage de forma direta com a política dos países. Aqueles/as que se tornaram intelectuais (Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos, Noêmia de Souza, entre outros), lutando ativamente pela libertação das ex-colônias portuguesas e futuros dirigentes dos seus países, também produziram ensaios como forma de afirmação das identidades e das histórias de luta pela liberdade de seus povos.

Como já ressaltamos anteriormente, o ensaio “Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo” é um testemunho pronunciado por Chiziane, é um texto opinativo. Nós o consideramos como um ensaio, porque sua autora expõe o seu sentimento e as suas ideias, em um tom autobiográfico, apresentando o seu ponto de vista pessoal e subjetivo,

trazendo uma reflexão crítica e alguns questionamentos sobre a condição da mulher em Moçambique e em outros territórios. Deste modo, podemos realçar que esse testemunho é um ato de ensaiar, ou seja, é um tipo de gênero expositivo, argumentativo e discursivo. Tal discurso se dá de forma livre, sem amarras à referências bibliográficas, trazendo muitas informações pertinentes para os leitores.

3. *Eu mulher... por uma nova visão do mundo*

O ensaio de Paulina Chiziane se inicia por uma narrativa mítica. No primeiro parágrafo, a cena mítica da criação da mulher segundo o mito cristão, é destacada. A autora conduz o leitor a ter uma visão sobre uma mulher que não nasceu da mesma forma que o homem, ou seja, o seu nascimento se deu a partir de um corpo masculino, criado pelas mãos divinas de um Deus, um ser também masculino. Essa mulher nasceu a partir de uma costela de um homem, como nos faz saber a escritora:

Deus disse: “não é bom que o homem esteja só”. Adormeceu-o, tirou uma das suas costelas e transformou-a em mulher. O homem disse: ‘é o osso dos meus ossos e carne da minha carne’. Mas a mulher fez-se parceira da serpente. Tomou a fruta da árvore proibida, comeu-a. Sentindo-a deliciosa deu-a ao homem. Ambos abriram os olhos para o bem e para o mal. Por isso Deus amaldiçoou a mulher e disse: “multiplicarei os tormentos da tua gravidez. Serás governada pelo homem que será teu senhor”. (CHIZIANE, 2013, p. 199).

Mas, como já foi dito, essa mulher não obedeceu à ordem dada pelo Deus masculino. Ela fez parceria com um animal representado como o mal, a serpente, e por essa razão, a mulher teve de pagar, na forma de duras consequências. Durante toda sua vida ela foi amaldiçoada pelo Deus e o castigo recaiu sobre ela em forma de dores e sofrimentos no momento que ela dará à luz um ser. E ainda como punição, essa mulher não poderá ter uma vida própria, pois será comandada por um dono, por um ser masculino, ou seja, ela se tornará propriedade de alguém. Enquanto ao homem foi destinado exercer o poder e o controle sobre a vida da mulher.

No segundo parágrafo, a autora nos conta sobre a criação da mulher pela mitologia e/ou cosmogonia bantu. Confirma-se que o problema da mulher surgiu desde o início da criação do mundo. Como podemos observar, primordialmente, o homem sempre esteve numa esfera mais privilegiada, de forma que o seu nascimento sempre ocorreu em primeiro lugar, ganhando espaço e obtendo uma posição hierarquicamente superior à da mulher, o que lhe permite ser governador dos destinos dela. Desse modo, ainda na visão bantu, averiguamos que o homem foi criado para ser o governador do destino da mulher, fazendo com que ela esteja sempre subjugada e ocupando uma posição de subalternização. Sobre essa desigualdade entre os gêneros evidenciada pela escrita de Chiziane, entendemos que como à mulher nenhum poder superior foi dado, ela estaria na condição de ser guiada por um outro ser:

Os problemas da mulher surgem desde o princípio da vida, de acordo com as diversas mitologias sobre a criação do mundo. Na mitologia bantu, depois da criação do homem e da mulher, não houve maldição nem pecado original. Mas foi o homem que surgiu primeiro, ganhando, deste modo, uma posição hierarquicamente superior, que lhe permite ser governador dos destinos da mulher. Isto significa que a difícil situação [d]a mulher foi criada por Deus e aceite pelos homens no princípio do mundo.(CHIZIANE, 2013, p. 199).

Um questionamento importante que surge no texto de Paulina Chiziane é sobre a supremacia masculina presente nas estruturas das relações de poder em sua sociedade

moçambicana. É importante ressaltar que esse é um dos aspectos relevantes de sua consciência como mulher moçambicana, do Sul de Moçambique, predominantemente patriarcal⁵. Ela mostra que, de fato, existe uma hegemonia masculina que subalterniza o feminino: “As diversas mitologias não são mais do que ideologias ditadas pelo poder sob a máscara da criação divina” (CHIZIANE, 2013, p. 199.). Assim, as sociedades criam as suas invenções hierárquicas, mascarando o discurso sobre gêneros, atribuindo-o às divindades. Pelo seu discurso consciente sobre a situação subalternizada da mulher, a autora dá o seu contributo para que haja a igualdade de gênero em seu país e em outros territórios. Perante as diversas situações vividas por mulheres e retratadas em seu ensaio, a autora lhes atribui valores positivos, como a bondade e as compara à terra e à vida:

Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra.(CHIZIANE, 2013, p. 199).

Desse modo, compreendemos que o fragmento da narrativa mítica cristã que Paulina Chiziane recupera chega a Moçambique junto com o regime colonial português. Como se sabe, a presença portuguesa, na história da colonização desse território, foi mais intensa na região do sul de Moçambique, onde a autora nasceu (C.f. SUBUHANA, 2005). Já no caso da circulação dos mitos dos povos bantu, vale lembrar que estes já circulavam pelo território antes mesmo da presença europeia. Como destaca a autora, na sociedade de sua etnia, patrilinear, o corpo da mulher é visto como sendo a causa das desgraças sociais, daí a necessidade de sua punição, pois se compreende que os filhos que o ventre da mulher gera são causadores dos males sociais. Inversamente a essa forma de compreender e tratar a mulher, Chiziane vê o sangue da mulher do ponto de vista positivo, pois gera a vida ao dar à luz. Assim, a mulher é vista por ela como abrigo que gera luz, mas também como força de trabalho para a sobrevivência da comunidade:

Nas religiões bantu, todos os meios que produzem subsistência, riqueza e conforto como a água, a terra e o gado, são deificados, sacralizados. A mulher, mãe da vida e força da produção da riqueza, é amaldiçoada. Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob a forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infratoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos seus nato-mortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes. (CHIZIANE, 2013, p. 199)

A autora nos traz exemplos do tratamento e do lugar da mulher no sul de Moçambique, ensinando-nos sobre o ritual Mbelele, da etnia tsonga, uma sociedade patrilinear do sul de Moçambique. Assim, pelo seu relato, saberemos que sempre que a comunidade é afetada por secas, os homens castigam as mulheres. Desse modo, evidencia-se que se trata de uma prática opressora, visto que as mulheres são submetidas pelo grupo masculino, que, por sua vez, já nasce com poderes herdados do patriarcado. Se no parágrafo anterior

⁵“No sistema patrilinear, os homens herdaram do pai os bens e os títulos honoríficos. Só se reconhecem como parentes os que o são pela linha paterna, não podendo os eventuais contactos com a família materna atingir de qualquer forma a sua pertença ao grupo do respectivo pai. A filha casada vai geralmente residir no seio do tronco familiar do marido, embora a sua prole possa voltar ao grupo familiar materno. Isto quer dizer que uma dada estirpe aceita, muitas vezes, membros de uma outra; e as mulheres, em geral, vêm do exterior, até porque o casamento no interior das estirpes é, em princípio, proibido”. (PIRES, 2000, p.8).

vimos que nas religiões tradicionais bantu as mulheres são consideradas como culpadas porque seus ventres geram poluições, feiticeiros, prostitutas, assassinos ou algo imprestável, neste parágrafo é mostrando também que há uma espécie de recompensa. Paradoxalmente, a sociedade recorre a elas porque reconhece sua utilidade, atribuindo-lhes valor necessário e considerando-as mães da humanidade, mães dos povos de todas as nações:

Recorrem de novo à mulher porque reconhecem nela a fertilidade e sobrevivência do mundo. No mbelele, elas correm nuas de baixo do sol revolvendo sepulturas, purificando a terra, gritando, cantando para que as nuvens escutem. Só a nudez da mulher é que quebra o silêncio dos deuses e das nuvens porque ela é a mãe do universo. (CHIZIANE, 2013, p. 199)

Como o ensaio nos mostra, a opressão da mulher se origina com o seu nascimento, condicionada pelo corpo, pelo sexo que a fará sofrer injustiças do poder patriarcal, obrigando-a a lidar com limitações e barreiras impostas culturalmente. Neste momento da argumentação, a escrita transborda as barreiras do tempo, deixa o passado mítico e traz suas análises para os nossos dias. Surgem, então, um conjunto de questionamentos que problematiza os sentidos das relações de poder ao extremo. Tais questões são uma forma de levar o público ouvinte/leitor a refletir sobre essa problemática:

Mas como é que seria o mundo se Deus fosse mulher? A ordem da vida estaria invertida? As escalas de valores seriam diferentes? A justiça e o amor seriam colocados a favor da promoção da felicidade humana? (CHIZIANE, 2013, p. 199).

Com isso ela imagina que a ordem dos poderes poderia ser invertida e que a situação da mulher poderia ser diferente, mas infelizmente não há, no plano real e histórico, uma resposta para esses questionamentos. Talvez o mundo fosse diferente se existisse uma deusa que tivesse o mesmo poder que um Deus:

Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher. (CHIZIANE, 2013, p. 200)

Numa tentativa de buscar uma resposta para as questões mencionadas acima, a autora faz uma crítica sobre mulheres que já estiveram em esferas mais privilegiadas, principalmente aquelas que se tornaram 'rainhas, imperatrizes, embaixadoras, ministras', ou seja, mulheres da elite, com altos cargos de responsabilidades políticas. Chiziane critica tais mulheres que não usaram os seus poderes para o bem de outras mulheres. Em nossa interpretação, essas últimas seriam aquelas que sofrem pelo sexismo, racismo ou aquelas que sofrem pela falta de condições financeiras, aquelas que gostariam de estudar e ter uma vida melhor futuramente, ou ainda, aquelas que são violentadas, as que sofrem pela violência doméstica. Para ilustrar isso, ela destaca, em sua análise, o mito da rainha do Egito, Cleópatra:

Diz-se que dirigiu o seu país com força de ferro; diz-se ainda que foi uma grande general. Fala-se ainda hoje das suas fraquezas. Preocupou-se muito com os seus vinhos, com as suas pérolas, com a ponta do seu nariz e com a beleza que muito enlouqueceu os generais romanos. Da condição social das mulheres do seu povo, Cleópatra não se lembrou nunca. Em conclusão poderei dizer que são muito poucas as mulheres que, estando no poder, se preocupam com os problemas de outras mulheres. (CHIZIANE, 2013, p. 199).

O parágrafo posterior nos mostra a diferença na cultura tsonga, entre homens e mulheres: os homens já nascem com poderes, enquanto que há uma diferença em relação ao nascimento das meninas. Como interpretamos pelos ditos da saudação recuperados pela autora, elas são vistas como força de trabalho, pois carregam água, lenha, fazem trabalhos domésticos, acordam de madrugada para pilar milho, etc., por vezes cuidam dos próprios irmãos, pais e parentes. Com o nascimento de uma mulher, a expectativa é a de que ela traga dinheiro à família, via o *lobolo* (dote).

Na etnia Tsonga (minha etnia) quando uma rapariga nasce, a família e os amigos saúdam a recém-nascida dizendo: *hoyo-hoyomati*(bem vindo a água), *atinguenetipondo*(que entre o dinheiro), *hoyo-hoyotihomo*(bem vindo o gado). O nascimento de uma rapariga significa mais uma força de ajuda a transportar água, mais dinheiro ou gado cobrado pelo lobolo. (CHIZIANE, 2013, p.200).

Em um outro movimento discursivo, Chiziane se volta para a infância e passa a nos relatar as lembranças das suas brincadeiras. Ela e outras meninas brincavam imitando as suas mães. Podemos ver que essas crianças não brincavam de carros, aviões ou brincavam de profissões das mulheres como médicas, escritoras, professoras, mas sim como a escritora nos conta, elas apenas brincavam com brinquedos domésticos, como se esse fosse um destino único das mulheres. A elas não era permitido sonhar demais, outro sonho era como se fosse algo irrealizável, assim, elas poderiam almejar apenas a formação da família e os cuidados da casa:

Na infância a rapariga brinca à mamã ou a cozinheira, imitando as tarefas da mãe. São momentos muito felizes, os mais felizes da vida da mulher tsonga. Mal vê a primeira menstruação é entregue ao marido por vezes velho, polígamo e desdentado. À mulher não são permitidos sonhos nem desejos. A única carreira que lhe é destinada é casar e ter filhos. (CHIZIANE, 2013, p.200).

Tanto no ensaio analisado, quanto na palestra por ela proferida na II Semana Internacional de Letras (UNILAB, 2017), citada por nós anteriormente, Chiziane traz à tona suas memórias da infância e adolescência, das noites frias, ouvindo estórias da avó materna à volta das fogueiras. Isso significa que como contadora de estórias ela herdou a palavra, a 'tradição viva' (BÃ, 1980), do seio familiar. Nessas estórias contadas pela sua avó havia sempre duas mulheres com características diferentes:

As minhas memórias mais remotas são das noites frias à volta da lareira, ouvindo histórias da avó materna. Nas histórias onde havia mulheres, elas eram de dois tipos: uma com boas qualidades, bondosa, submissa, obediente, não feiticeira. Outra era má, feiticeira, rebelde, desobediente, preguiçosa. A primeira era recompensada com um casamento feliz e cheio de filhos; a última era repudiada pelo marido, ou ficava estéril e solteirona. (CHIZIANE, 2013, p.201).

Notamos que durante a sua apresentação na UNILAB, como uma mulher intelectual que ela é, a autora encena uma fala pelo seu corpo, incorpora a estória perante o público. Como uma contadora, ela iniciou a palestra contando uma estória e fez a plateia se envolver e por fim nos falou qual é a moral e a lição que fica por detrás de cada estória por ela contada. Da mesma forma que a contadora transmite uma lição, esse ensaio transmite também uma. Cada parágrafo nos traz um novo ensinamento a partir do relato da experiência de vida da autora ao longo de sua trajetória. Chiziane afirma:

Apenas posso dizer que a escrita escolheu-me, da mesma forma que a natureza me tornou mulher. Posso confirmar que a minha vivência também contribuiu para conduzir-me a este caminho. (CHIZIANE, 2013, 201).

Percebemos que a atividade da escrita como profissão surge na vida de Paulina Chiziane a partir de desigualdade social e de gênero por ela vivenciada; a sua intelectualidade foi se construindo a partir de diferenças. Parte das dificuldades foram encontradas no próprio seio familiar, porque a sociedade nos ensina que a mulher deve ser boa dona de casa, por isso, os homens podem ir buscar conhecimentos no mundo acadêmico e em outros territórios externos, mas a mulher não pode, porque o lugar dela é apenas ocupando e cuidando do lar. Em sua transição do campo para a cidade, revertendo essa situação de subalternidade, Chiziane nos relata sua crítica:

Nas ruas do subúrbio sentia imensas saudades da vida livre e dos passeios nos campos. Para matar a saudade passava o tempo desenhando paisagens na tentativa de restaurar o paraíso perdido da primeira infância. Já adolescente, sonhei em tornar-me pintora. A família disse que não. A escola disse que não. A sociedade também disse que não. Porque não é bom para uma mulher. Porque pintura é arte e o artista é marginal. Eu estava a ser educada para ser uma boa mãe e esposa. Recalcaram o meu sonho e não o fizeram por mal, queriam apenas proteger-me porque se preocupavam com o meu destino. Deixei de pintar paisagens. Nas horas vagas, divertia-me tentando descrever as mesmas paisagens, realizando de forma alternativa o sonho da pintura. Foi assim que penetrei nos caminhos traçados por Deus e pelos homens. (CHIZIANE, 2013, p.201).

O ensaio de Chiziane dialoga com o artigo “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face” da escritora brasileira Conceição Evaristo (2013). Notamos que ambas as escritoras desenvolvem uma escrita artística a partir de seus testemunhos. Tanto Evaristo, quanto Chiziane, mergulham em diversas experiências compartilhadas em suas vivências como mulheres, abordando a realidade do cotidiano. Seus testemunhos acontecem de uma forma simples e real, e representam a trajetória de vidas e vivências das autoras, refletindo sobre a realidade.

A palavra escre(vivência) é grafada desta forma por Evaristo, porque representa uma escrita literária de vivência, de convivência e das experiências trazidas pela vida, por vezes duradouras e marcantes. Notaremos que essas vivências podem ser lidas de diversas formas, tanto pela experiência dessas duas mulheres escritoras, que escrevem para um público, demonstrando o seu dia a dia retratado e posto no papel, como também podem se referir à experiência das pessoas que estão ao seu redor, com o objetivo de mostrar os aprendizados que essa escrita de vivência nos deixa. Confirma nossa ideia um trecho do texto de Conceição Evaristo que aborda sua vivência numa auto-apresentação, situada no tempo e no espaço da infância:

Do tempo/espaco aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. (EVARISTO, 2013, p 1).

Em se tratando do início da atividade como leitora/escritora, Paulina Chiziane nos mostra como iniciou o gosto pela leitura e a sua viagem pelo mundo Oeste na literatura que exercia sobre ela um efeito mágico, através da “literatura marginal”, que apresentava características próprias, ao se inspirar nos heróis do oeste, como Kit Carson, que se tornou muito conhecido como guia e participante em guerras indígenas, cujo objetivo de defensor da causa dos índios em relação aos brancos foi justamente reconhecido, pois também ele foi combatente na guerra dos E.U.A. contra o México na Califórnia. Ressaltamos ainda, que nesse tipo de literatura, onde Chiziane encontrou

refúgio, os autores são marginalizados por uma sociedade que não lhes dá ouvidos nem direitos à fala, de forma que eles só conseguem expressar o que sentem através da escrita, conseguem demonstrar as suas revoltas na busca por reconhecimento cultural, social e racial, mostrando as diversas realidades a partir da escrita como protesto, não só em relação à sociedade, como também em relação às elites. Chiziane, na adolescência, buscava apoio, inicialmente, nesse tipo de literatura, onde a escrita dá voz a sujeitos silenciados:

Mas, por outro lado, o livro exercia sobre mim um efeito mágico. Em toda a minha adolescência, viajei pelo mundo do Oeste, idolatrei os heróis como Kit Carson, Búfalo Bill. Foi com a literatura marginal que entrei no mundo da leitura porque o meu meio social não tinha acesso a bibliotecas nem centros de cultura. Só no segundo nível de ensino secundário é que consegui tomar contacto com a verdadeira. (CHIZIANE, 2013, p. 202)

Um componente importante de seu texto é o caráter autobiográfico. A autora relata algumas de suas vivências e nos mostra um pouco da sua história, daquilo que aconteceu ao longo do tempo, levando-nos a uma reflexão. Como nos cita a escritora:

Primeiro foram as frases soltas nos cantos dos cadernos. Depois foi o diário. A seguir foram os poemas e as cartas de amor no tempo da primeira paixão. Mais tarde foram textos mais seguros, pequenos contos, pequenas crônicas e o sonho de um dia escrever um livro.(CHIZIANE, 2013, p.202).

Reconhecemos a necessidade da liberdade feminina expressa na escrita ensaística de Chiziane, exortando as mulheres a fazer suas próprias escolhas, que lhes permitam andar com os seus próprios pés, com o intuito de despertar o mundo no sentido de reconhecer a igualdade de direitos sociais e entre os gêneros. Chiziane afirma que quando lançou o primeiro livro “Balada de amor ao vento” (1990), a sociedade recebeu a notícia

Primeiro com ceticismo e muito desprezo da parte dos homens. Muitas pessoas acreditavam e ainda acreditam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Consideraram-me uma mulher frustrada, desesperada, destituída de razão. Foi um momento terrível para mim. (CHIZIANE, 2013, p.202).

Ela nos revela a questão do machismo e do ceticismo quanto ao seu trabalho, do impacto que sofreu socialmente, do porquê de muitos homens lhe fazerem propostas de tocá-la fisicamente, porque parecia que não bastava apenas ler os livros, observar que se tratava de uma mulher capacitada e uma grande escritora.

Do período que vai da escrita do livro até a sua publicação, entrei em contacto com homens de diversas instituições e que não me ajudaram em nada ou ajudaram muito pouco. Contudo, quase todos eles não se esqueceram de fazer-me propostas sexuais, convites de jantar, como condição necessária para a ajuda de que tanto necessitava. Mais tarde entrei na Associação dos Escritores [Moçambicanos]. Mesmo ali a minha integração como mulher não se fez sem grandes esforços.(CHIZIANE, 2013, p.203).

Para nós, o que se pode compreender, sobretudo pelo ensaio, é a valorização da caminhada árdua e difícil, de uma experiência de batalha de uma mulher, mãe, esposa e escritora. Podemos averiguar que o trabalho de Chiziane é triplicado, pois ela cuida da casa, da família e do trabalho, como a autora deixa bem claro nesse parágrafo:

No fim da jornada de oito horas de trabalho regresso ao lar, muitas vezes exausta. Cuido da casa, da cozinha e das crianças. Quando todos dormem é que escrevo porque necessito de tranquilidade e silêncio. Consigo conciliar estas atividades porque imponho sobre mim uma disciplina religiosa. (CHIZIANE, 2013, p.203)

A autora reconhece o quanto a escrita lhe trouxe vários conflitos no seio familiar e um longo caminho que ela percorreu para chegar até ao lugar por ela almejado. Ela termina a sua obra relatando o período de guerra civil⁶ em Moçambique (1976 – 1992), que desestabilizou o país no período pós-independência, justamente como uma forma de alertar a sociedade que durante a guerra, a maioria dos que morrem são pessoas inocentes, como mulheres e crianças, por vezes sem abrigo e sem meios de subsistência. Sendo mulher, a escritora tem sensibilidade singular para tratar das emoções, sentimentos, criar seus personagens em diálogo com a realidade, e, sobretudo, poder colocar no papel tudo que ela já viveu e sentiu na pele.

Escrevi a minha primeira obra debaixo de estrondos e ameaças de morte. Publiquei-a. Escrevi a segunda debaixo do mesmo ambiente. Está no prelo. Trabalhar numa atmosfera de morte é minha forma de resistir. Ninguém tem o direito de interromper os meus sonhos. (CHIZIANE, 2013, p.203).

Paulina Chiziane é uma escritora intelectual, com conquistas extraordinárias no campo literário e na vida social, ela é uma grande mulher que representa várias outras, tanto as rongas, as moçambicanas, as africanas e entre muitas outras negras de territórios como o Brasil e a diáspora africana. Essa representação se dá a partir do relato da sua vida no cotidiano e nos personagens que ela cria em suas obras.

4. Conclusão

A partir da análise do ensaio “Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo”, concluímos que Paulina Chiziane é vista como uma escritora, referência para outras mulheres, transmissora de conhecimento e saberes e cada estória por ela abordada deixa uma lição, um conceito moral e uma reflexão. Por vezes, esses relatos relacionam oralidade e escrita.

Chiziane, através da escrita, faz do passado tradicional a fonte de inspiração e vivência de lugares e de modos de ocupação das mulheres anteriores a ela, recontando suas histórias. Ela representa as mulheres rongas, moçambicanas, africanas, da diáspora africana, assim como as mulheres da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Ela incorpora, em seu testemunho, a voz de várias outras mulheres, que encontraram dificuldades de se expressar através da sua escrita e fala, ou por se sentirem submissas, sentem medo de avançar e uma das maiores dificuldades encontradas por elas é justamente o de terem que manter a vida do lar e serem escritoras ao mesmo tempo. No que diz respeito às relações de gênero e/ou sexismo, a mulher tem um lugar inferiorizado na sociedade e o objetivo de Chiziane, com seu testemunho, é justamente o de colocar uma nova visão do mundo, sugerindo o equilíbrio e a equidade.

Como pesquisadora, proponho-me a contribuir para que a sua escrita alcance um maior público e tenha um reconhecimento maior na sociedade. Conclui-se, a partir do estudo, que a obra da escritora moçambicana Paulina Chiziane traz à tona uma reflexão importante sobre uma voz feminina que atravessa fronteiras de tempo e espaço e serve de referência para mulheres de muitas gerações e de diversas faixas etárias. Todas as obras

⁶Logo após a independência, Moçambique foi assolado por uma guerra civil entre forças opositoras da Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) e o governo da FRELIMO, então marxista-leninista. (C.f. SUBUHANA, 2015).

de Chiziane, sem exceção, possuem um traço em comum: um compromisso com a liberdade, seja da mulher, seja dos grupos socialmente silenciados. Paulina Chiziane canta a liberdade que quer para si e para as (os) que a rodeiam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÂ, Amadou Hampâté. A Tradição Viva. In: Ki-Zerbo. J. **História geral da África I: metodologia e Pré-história**. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980, pp.181-218.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de Amor ao Vento**. Lisboa: Caminho, 1990.

_____. **Niketche: Uma História de Poligamia**. Lisboa: Caminho,

2002.

_____. “Eu, Mulher... Por uma Nova Visão do Mundo”. In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e africana na UFF**, vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

_____. **As Andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

_____. “Somos prisioneiros dos fantasmas do nosso passado”. In: **O País**, 09 de Julho de 2017. Disponível em <<http://opais.sapo.mz/index.php/entrevistas/76-entrevistas/45544-somos-prisioneiros-dos-fantasmas-do-nosso-passado.html>>. Acesso em: 14 de Julho de 2017.

COSTA, Luana Antunes. **Traços do chão, tramas do mundo: representações do político na escrita de Mia Couto e Patrick Chamoiseau**. 2014. 292p. Tese (Doutorado em Letras0) – FFLC/USP, São Paulo, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/Carlos/Desktop/Borges/Costa+Tese.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

EVARISTO, Conceição. “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face”. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

HOOKS, Bell. “Intelectuais Negras”. In: **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3. n.2. 1995. p. 464-469. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16465/15035>>. Acesso em: 30 marc. 2017.

JUNOD, Henri-Philippe Alexandre. 1974 (1936). **Usos e Costumes Bantos**. Tomo II, Ed. Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras (Santa Maria)**. Santa Maria, v, 25, p. 55-71, 2003.

OSÓRIO, Conceição. **Gênero e democracia: as eleições de 2009 em Moçambique**. Maputo: WLSA Moçambique, 2010. Disponível em: <<http://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2014/11/Eleicoes2009.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

PAVIANI, Jayme. “O ensaio como gênero textual”. In: **V SIGET**, Caxias do Sul, RS, Agosto de 2009. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/65/o_ensaio_como_genero_textual.pdf. Acesso em: 13 de fevereiro de 2-17.

PENICELA, Isidro dos Santos Francisco. **Qual a influência da criação do destacamento feminino, nas lutas de libertação nacional, para a emancipação da mulher em Moçambique?** 1012, 92p. TCC (Curso de Artilharia) - Academia Militar, Lisboa, 2012.

PEREIRA, Ianá Souza. **Vozes femininas de Moçambique**. 2012. 117p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, USP, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Carlos/Desktop/Borges/2012_IanaSouzaPereira.pdf>. Acesso em 16 marc. 2017.

PIRES, Cândida da Silva Antunes. “Família, parentesco e casamento: Assimetrias espaciais e temporais”. In: **Administração**, n.º 48, vol. XIII, 2000-2.º, 617-639

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1999, p. 200-212.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHECHNER, Richard. “Whatisperformance”. In: **Performance Studies: an introduction**. New York & Londres: Routledge, 2006, p. 28 – 51.

SECCO, Carmen Tindó; Maria do Carmo Sepúlveda; Maria Teresa Salgado; Olimpia Maria dos Santos. (Org.). **África & Brasil**: letras em laços. São Caetano do Sul/SP: Yendis, 2010, v. 2, p. 245-260.

SUBUHANA, Carlos. **Estudar no Brasil**: Imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – ESS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.saber.ac.mz/bitstream/10857/1887/1/CarlosSubuhana%2BTese.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2014.